

## Suely Gomes

Queria remeter a três colocações do Faleiros e do Paulo Netto, relativa a três problemas históricos que me parecem importantes nesse momento: quer dizer, concordando com tudo que foi dito por ambos inclusive. Uma questão, é alguma coisa que está expressa até nessa platéia, quer dizer, a predominância da mulher no interior da profissão. Eu acho que isso responde a uma determinação histórica, e isso é alguma coisa que escapole às pesquisas sobre Serviço Social até hoje. Quer dizer, a divisão sexual do trabalho está no interior da divisão social do trabalho, e é uma coisa que tem que ser buscada para você compreender, inclusive, o porquê das práticas sociais serem colocadas pelas mulheres principalmente. Eu gostaria que o Paulo Netto e o Faleiros retomassem alguma coisa disso.

A segunda questão é ligada à divisão social do trabalho social, que é alguma coisa também que eu acho que escapole, e principalmente no momento de hoje, da análise das práticas sociais. E eu gostaria de ouvir, por que tanto o Faleiros quanto o Paulo Netto falaram nas análises setoriais, e me parece que aí está também, na medida em que nós conseguimos repensar as práticas sociais de todos os profissionais envolvidos em práticas sociais, vamos ter um perfil do que provavelmente seja a teoria da prática social e seus limites, inclusive.

E finalmente uma terceira questão que diz respeito à posição de classe do assistente social. Quer dizer, nós fomos historicamente pessoas de muito poder porque pertencemos a determinadas classes sociais; hoje somos pequenos burgueses mergulhados num revolucionarismo de última hora em algum momento, e que eu acho que seria bom repensarmos a questão da pequena burguesia como expressão revolucionária. E isso diz respeito também a repensar o obreirismo, a classe proletária como classe revolucionária. São fatos de uma mesma questão. Eu gostaria de ouvir tanto o Faleiros, que entende a classe operária como classe revolucionária, e para mim hoje, isso está em discussão, quer dizer, não é uma matéria fechada. Quer dizer, para mim é muito

mais sério pensar formação social brasileira e entender o que é revolução nessa sociedade. E em relação à questão da pequena burguesia que hoje é um problema histórico, quer dizer, a classe média hoje é um problema histórico a ser pensado, e são três encaminhamentos que eu gostaria que fossem incluídos nas discussões da parte da tarde.

### Paulo Netto

Olha, eu vou tentar ser rápido, inclusive para que o Faleiros depois acrescente e retifique, para que outros companheiros do lado de lá da mesa possam falar. Olha, eu acho que são três questões um bocado complicadas. A questão da presença feminina na profissão — aliás tem gente aqui fazendo pesquisa sobre isso — nos leva ao porquê há mulher numa proporção tão elevada. Eu acho muito bom, acho mulher ótimo, mas acho que isso reproduz um certo tipo de destino da profissão. A mulher não deve cuidar de coisas muito importantes. Quando ela sai de casa, se não é para tocar piano e dançar ballet, vamos deixar ela fazer a caridadezinha, esse negócio menor, subalterno. Isso já mudou, hoje a presença da mulher é marcante, embora ela não se reflita institucionalmente na sociedade brasileira com a força que de fato tem; eu acho que é preciso rapidamente um movimento machista, porque as mulheres estão ganhando todas. No caso da profissão, eu acho que o negócio é complicado, e é um problema que me atormenta desde os tempos em que eu era aluno. Porque eu era o único homem da turma, o que trazia alguns problemas meio chatos para o adolescente. Agora, eu acho que isso está vinculado ao subtrato assistencialista da profissão. Na nossa cultura, o assistencialismo é predominantemente feminino. Só nos seus pontos de direção é que há a presença masculina. Então a mulher é a executiva do assistencialismo, daí essa presença massiva, e, claro, está vinculada a um estatuto subalterno de mulher, a um estatuto verdadeiramente de dominação. E é evidente que isso passa por uma dupla divisão do trabalho, a divisão social e técnica. Não se pode ver isso apenas como divisão social, mas como um outro corte. É divisão social do trabalho sim, que aloca camadas da população a certas estruturas ocupacionais, mas também é uma divisão técnica. Eu acho que isso devia nos preocupar para ver um pouco a idéia da complexidade das nossas ações profissionais. Costumo me perguntar se nas instituições que aí estão, para desempenhar as tarefas que desempenhamos, seria importante ter formação acadêmica. Estou convencido de que não. Um pouquinho

de bom senso e alfabetização resolvem. É claro que supõe a questão da subalternidade técnica do trabalho da mulher. Notem, não é apenas divisão social, mas na divisão social a subalternidade técnica, aquilo que não é muito importante, que não é decisivo, deixa as moças mexerem. Esse negócio só vai mudar se outras coisas mudarem. O que não quer dizer que não se deva encetar, e já existe um movimento de luta dentro da categoria no conjunto das mulheres.

Agora, queria dizer uma coisa sobre a pequena burguesia: não acho que os assistentes sociais hoje são pequena burguesia, não. Acho que eles já foram pequena burguesia tradicional. Pelo que sinto, e não tenho elementos estatísticos para comprovar isso, mas me parece que eles se inserem hoje muito mais, se é que já não se inseriam desde a sua origem, mas hoje se inserem naquilo que acho que é muito importante na sociedade brasileira, que são as novas camadas médias urbanas. Não é classe média não, é camada média urbana. Predominantemente assalariado, com um série de valorizações de cima e uma série de constrangimentos de baixo. Acho que a categoria de camadas médias urbanas nos permite dissecar melhor esse fenômeno; e também a diferença da pequena burguesia tradicional no comportamento político. O comportamento político da pequena burguesia tradicional já foi analisado longamente, a sua ambivalência, a sua tendência à radicalização, o seu apoio velado aos movimentos fascistas e direitistas.

Lembrem-se, aqui no Rio de Janeiro, quem é que dava apoio a Carlos Lacerda etc.; mas hoje essas camadas assalariadas desenvolvem um movimento político diferente. Acho que elas estão muito mais para a esquerda do que para a direita, e penso que isso é muito positivo. Um exemplo cabal é como elas estão incorporando formas de luta operária. A luta sindical é tipicamente operária, e já começa a ser incorporada por essas camadas, acho isso muito positivo.

Agora, quanto ao obreirismo, acho que é característico daqueles que não são proletários. As concepções obreiristas, freqüentemente antiteóricas, antiintelectualísticas, anticultura, são muito freqüentes entre camadas médias e pequena burguesia. Agora, acho que isso não tem nada que ver com o papel histórico de classe operária. Acho que aqueles intelectuais não obreiristas que se vincularam à classe operária de forma orgânica, foram capazes de dar uma contribuição muito grande à cultura, no seu sentido mais nobre. Penso por exemplo em Graciliano Ramos no passado, em Cândido Portinari num passado não tão remoto e penso, muito próximo de nós, em Oduvaldo Viana Filho, que com uma perspectiva proletária não embarcaram no obreirismo. E podemos citar toda uma série de músicos; a cultura brasileira está

cheia dessa gente. Então eu distinguiria claramente o obreirismo, que é uma contrafação, da função que se atribui à classe operária.

Da minha parte, para não fugir ao problema, acho que historicamente a classe operária só pode se afirmar enquanto sujeito, na medida em que ela nega a sua condição de classe operária. Ou seja, enquanto ela nega a polaridade burguesa. Acho que há indícios históricos que comprovam que isso não é uma teoria maluca. Mas acho que isso também está posto em questão. Eu não cairia no relativismo de encontrar outros agentes políticos da revolução. Acho que o agente prioritário da revolução é a classe operária, e estou convencido de que se ela não fizer, ninguém mais fará por ela, nem partido, nem outras franjas sociais. Agora, também não tenho nenhuma garantia de que ela vai fazer a revolução, basta pensar no fracasso histórico da revolução proletária no Ocidente nos anos 20. Isso não é para colocar os que têm simpatias por aquilo que falei — que chamo de campo popular — no imobilismo. Não é para trazer o ceticismo não, mas é para trazer um pessimismo que eu diria ativo. Dá que as coisas não andam por si sós, quem sabe se nós não poderíamos dar um empurrãozinho?

## Faleiros

Vou ser bem rápido. Estou de acordo com o que o Paulo Netto colocou. Chamarei a atenção apenas para a questão do trabalho voluntário em relação ao trabalho obrigatório, usando esses termos apenas para confronto. Na sociedade capitalista o homem vende sua força de trabalho (é obrigado a isto) para prover a sua subsistência, e a assistência aparece como um trabalho voluntário de *busca* e *doação* da subsistência. Quando o Estado assumiu esse serviço na dinâmica das suas relações com a sociedade, foi transformando os serviços sociais em atividades estatais, incorporando, cooptando ou subsidiando uma série de ações que eram desenvolvidas pela sociedade civil, inclusive por diversas organizações religiosas. Daí a idéia de "Estado ampliado", e que alcançou os próprios mecanismos da produção. Esta articulação entre economia e política foi bem estudada por Gramsci.

O trabalho voluntário de prestação de serviços fora do esquema diretamente produtivo e os serviços estatais destinados aos que não vendem sua força de trabalho, são menos valorizados na própria dinâmica capitalista, em relação à produção de mais-valia. Hoje esta situa-

ção está se modificando e serviços passam a ser considerados fundamentais.

Historicamente o papel da mulher, em certos serviços, pode se manifestar em trabalhos importantes economicamente, como na informática, na própria administração, na própria dinâmica do desenvolvimento capitalista em suas contradições.

Em relação a sua inserção no contexto das classes, a assistente social é, em termos econômicos, considerada improdutiva. No entanto há um grande debate em torno do tema, distinguindo-se o imediatamente do mediatamente produtivo. É necessário também considerar diversas formas de inserção da assistente social nas relações de trabalho. É diferente a relação de trabalho de uma assistente numa empresa, de uma relação de trabalho numa associação de trabalhadores, num centro espírita, numa organização católica, numa repartição ministerial ou municipal. É preciso refletir sobre essas diferentes inserções e ver aí concretamente a relação e a forma de trabalho. Trabalhando na universidade, um professor é diferente de um mestre que vive de aulas particulares. No entanto a forma de inserção *assalariada* da assistente social aliada ao controle de recursos e saberes caracteriza-se como sendo da pequena burguesia moderna.

## Alba Carvalho

Gostaria de retomar apenas, trazendo para a temática, uma questão que foi trabalhada, mas acho que constitui ainda hoje um ponto de grandes preocupações nessa formação profissional, que é a questão da relação teoria-método. Evidente, acho que está claro que não podemos aceitar essa visão do método, como algo definido *a priori*, ou como realmente um conjunto de regras como algo que existe em si. Claro que essa é uma visão que vem sendo superada nas nossas reflexões nos diferentes cursos. Então o Paulo Netto, quando colocou a questão do método, colocou o método nesta relação constituinte entre o sujeito e o objeto. Entre o sujeito que quer conhecer e o objeto do seu conhecimento. Eu estou querendo levantar um pouco essa questão de que é evidente que o método está nessa relação do sujeito com o objeto, passando pela concepção teórica do sujeito. E aí me inscrevendo naquilo que ele colocou, essa concepção teórica dentro da vertente positivista ou inspirada no marxismo. E essas vertentes teóricas, elas dão toda uma perspectiva para você analisar o social. Uma perspectiva que camufla a realidade que está aí, uma perspectiva que ajuda

a desvendar. Então, essa teoria nos dá indicações da análise dessa realidade. Ela está a exigir que realmente resgatemos essas indicações e demos uma dinamicidade à teoria no confronto com o real. Então, seria justamente nessa dinâmica da teoria, no confronto com o real, que estaria o método. Então, nesse caso, o método seria de fato o movimento da teoria feito pelo sujeito a entender, absorver e captar um real, claro que passando por muitas mediações. Assim sendo, por exemplo, no estudo da disciplina Metodologia do Serviço Social, não caberia, por exemplo, você estudar e resgatar, e tentar analisar os processos metodológicos de intervenção, na medida em que eles estão expressando, estão concretizando uma perspectiva de análise do social. Eles estão realmente colocando uma teoria em movimento, passando por muitas mediações. Então eu gostaria de trabalhar um pouco essa relação. Como é que veríamos isso, essa relação teoria e método? Por que, por exemplo, é evidente que nós vamos estudar o instrumental em metodologia, mas a técnica só ganha sentido se estiver dentro de um movimento de um método. Então, uma questão que estou querendo colocar é como de fato essa relação se expressa no ensino da metodologia e no ensino da teoria também. Evidente que não há uma teoria do Serviço Social, mas há construções teóricas do Serviço Social, dentro dessas perspectivas do social que aí estão. Então caberia, na disciplina de teoria, você resgatar criticamente essas construções que há no nível em que elas estão, e tentar de fato ver em que perspectiva do social elas estão fundadas. Em síntese, estou querendo discutir a relação teoria-método.

### Paulo Netto

Olha, Alba, não tenho nada a acrescentar, acho que você já deu a resposta, exceto na última parte. É evidente que eu separo método de teoria por um mero procedimento de abstração. A idéia de que o método é a teoria em movimento, é exatamente isso. Estou convencido de que eu posso jogar pela janela todas, absolutamente todas, as afirmações particulares de Marx em *O capital*, todas. Posso me desolidarizar de todas as teses particulares de Marx. E posso até concluir que a história infirmou-as. No entanto, o que devo resgatar é precisamente o movimento que levou àquelas teses e que hoje não levará igualmente àqueles resultados. É exatamente isso. Agora, por que na minha exposição eu separo isso? Até por um pouco de estratégia. Porque existe um curso de Serviço Social onde você tem que preencher teoria e método. Ora, o que eu proponho é precisamente isso aí, é que quando

você analisa — vou dar um exemplo simples — você pega um modelo qualquer de intervenção, desses que no passado a profissão forjou. Você o desmonta e o estuda por dentro precisamente para não ficar nas determinações externas, mas para você acompanhar a incidência do positivismo, entendido daquela forma como eu explicitiei. Estamos de acordo, é exatamente isso, e até porque uma das lições que eu acho que é mais importante hoje, foi dada pelo velho *Lucács*, o filósofo húngaro, que dizia o seguinte: “é preciso construir um novo capital”. É preciso uma pesquisa que nos dê do capitalismo desse final de século, a visão que Marx teve do capitalismo concorrencial. Com isso, o que ele queria dizer? Precisamente essa implementação da teoria que constitui o coração do método. Então, estamos de acordo nisso, é um movimento técnico. Agora, eu estou inteiramente em desacordo com a idéia de que há construções teóricas no Serviço Social. Pode ser um mal-entendido meu, mas penso o seguinte: acho que há assistentes sociais que estão fazendo elaborações que não são mera sistematização da sua prática. Acho que já há um denso acervo nesse sentido, muito pequeno em face das nossas necessidades, mas já grande se compararmos isso com o que a profissão tinha há vinte anos atrás. Aqui nessa sala há inclusive representantes, pessoas que já fizeram isso: aí e aqui na mesa. Mas o que eu me pergunto é se essa gente está fazendo construção teórica de Serviço Social. E vou dar alguns exemplos, e aí vai uma certa maldade minha. Alguns textos que existem de assistentes sociais sobre o Serviço Social: a sua tese sobre a reconceptualização, que é uma tese que tem a ver com a teoria social, com uma análise crítica; mas não tem a ver com o Serviço Social. Se me dissessem que quem escreveu aquilo foi um economista ou sociólogo, eu diria: ótimo. Penso no livro do Faleiros que citei há pouco, e outras contribuições aí. Ou seja, a propósito do Serviço Social, fazem-se aproximações ricas e críticas de fenômenos que fazem com que o Serviço Social entre um pouco neles assim como Pilatos entrou no credo, lavando as mãos. Não acho isso ruim não, acho muito bom, agora o que acho que nós temos que dizer claramente é o seguinte: o Serviço Social — e é bom que seja assim — é o pretérito, é o campo onde esses companheiros estão lavrando para fazerem inferências que — vou ser até um pouco duro aqui — na medida em que têm valor, e isso que citei tem valor, são importantes muito além do Serviço Social. Posso citar aqui um dos livros que mais gosto que são dois livros num só: que é o livro da Marilda Vilela Yamamoto e do Raul de Carvalho, um livro fundamental na bibliografia do Serviço Social. Diria que na parte teórica tenho quase que uma total concordância com

aquilo. Aquilo é uma construção teórica do Serviço Social ou é uma construção teórica de uma razão que pensa? Digo isso porque tenho dificuldade em ver — note que não estou fazendo *blag* não — tenho muita dificuldade em ver; e isso não é só com os assistentes sociais não, por favor. Quando você tem uma boa produção, ela transcende a isso. Penso por exemplo num livro que creio que é clássico, o livro do Florestan Fernandes, *A revolução burguesa no Brasil*. O que tem de sociologia, enquanto ciência, enquanto disciplina naquele livro? Nada. Tem uma belíssima abordagem de alguém que trabalha com um instrumental da crítica da economia política, para retomar uma expressão que já foi usada aqui. Acho que isso ocorre nesse conjunto das ciências sociais como um todo. É evidente que isso tanto mais credibiliza uma profissão, quanto mais os seus autores são capazes de fazer isso. Agora, é uma construção teórica do Serviço Social? Ponho essa reserva, não é por nenhuma implicância com a profissão. Acho que nós devemos nos orgulhar da nossa profissão. Agora, o âmbito de intervenção prática, que nós todos temos nessa profissão enquanto assistentes sociais, nos permite um tipo de elaboração que se fosse específico, não teria muito fôlego. Não sei se me faço entender.

### Alba Carvalho

Peço licença para voltar a complementar, mas acho que é uma questão muito polêmica, e que está aí nos diferentes cursos, nas diferentes escolas, todo mundo está discutindo isso e querendo encontrar uma saída. Tem ou não tem construções de Serviço Social? Então, primeiro, concordo inteiramente com você quando diz que não existe uma teoria de Serviço Social, mas uma teoria que explica o social, em cima da qual você pode fazer elaborações, tentando discutir os fenômenos do real. Então, quando falo em construção de Serviço Social, não estou me referindo, e não estou querendo assumir aquela perspectiva com a qual não concordo, de que você pega a sua prática, sistematiza-a e daí está saindo teoria, não é isso. Quando digo construções do Serviço Social em diferentes níveis, seriam aquelas construções, aquelas elaborações em que você, usando um instrumental analítico que as ciências sociais também lhe colocam, e passando por uma perspectiva ideológica, por um projeto político e tudo mais, tenta discutir os fenômenos com os quais o Serviço Social está trabalhando, tenta discutir as questões que estão emergindo no exercício profissional. Então, é nesse sentido que estou falando em construções teóricas.

Agora, o que nós podemos criticar é o nível dessas construções teóricas, se realmente conseguiriam trabalhar os conceitos. Por exemplo, nos livros da Mary Richmond, da Gordon, da Gisela, encontramos toda uma construção teórica muito fundada nessa visão positivista. Em termos de marxismo, acho que nesse momento nós estamos padecendo de construções teóricas pertinentes, em termos dos objetos de Serviço Social, inspirados nos conceitos e na teoria marxista. Porque acho que estamos fazendo um estudo do marxismo que não fecunda o marxismo. Estamos ficando no teorismo do marxismo. Então, nesse sentido, quando falo em construção, é nesse nível e não no sentido de você ter sistematizado a sua prática, ter feito a construção teórica. Estou falando daquelas pessoas que trabalharam conceitos, tentando entender questões emergentes da prática do Serviço Social. Não seriam construções dentro do Serviço Social?

### Paulo Netto

Peço uma ajuda aí ao Faleiros. Eu estou entendendo a sua colocação, Alba; agora, não sei se é meio repetitivo, mas insistiria no seguinte; olha só, acabei de ler um trabalho de uma moça do Sul, cujo o nome não me lembro; ela, a partir de um trabalho com moradores num desses conjuntos como a COHAB, tentou trabalhar simultaneamente opressão e exploração via Sistema Financeiro da Habitação. É um trabalho bem feito, bonito, sério, responsável, mas a prática dela como assistente social, enquanto prática profissional — ela trabalha numa cooperativa dessas — permitiu-lhe tomar contato com o fenômeno, que é generalizado. A partir disso ela implementou idéias, noções, conceitos, categorias, e mexeu direitinho no fenômeno. Acho que traz uma contribuição, isso vai ser publicado brevemente. Traz uma contribuição para nós entendermos parte do Sistema Financeiro da Habitação, como é que rebate no mutuário etc. Agora, eu continuo indagando-me da tal especificidade disso, acho que não tem. Se você reconhece que é a partir do Serviço Social e por problemas que surgem na sua prática, no exercício da profissão, tudo bem. Agora, desde que fique bem claro o seguinte: o problema é não aceitar a divisão de que existe sociologia, antropologia, economia, Serviço Social e outras coisas. Se negamos isso de início, a legitimidade das contribuições não está no estatuto profissional, mas no contributo que elas oferecem para entender o movimento real. Então aí eu perguntaria: bom, mas o que e por que é contribuição do Serviço

Social? É uma contribuição que surgiu aí eventualmente, mas podia ter surgido, por exemplo, de um antropólogo. E essa dúvida me é trazida pelo seguinte: não sei se vocês estão sentindo como os antropólogos estão em evidência. Acho que tem um bocadinho de picaretagem nisso, picaretagem mesmo, vigarice intelectual. Mas à parte a vigarice intelectual, está acontecendo uma coisa: quem é que imaginava que o antropólogo ia escrever sobre o cotidiano urbano da zona sul no Rio de Janeiro? Ninguém. Simplesmente eles foram para lá, começaram a entender aquele dinamismo. Isso é antropologia? É tão antropologia, quanto o Serviço Social. Então, o que me causa um certo arrepio é dizer: uma construção teórica do Serviço Social. Se você me falar sobre uma construção teórica que tem por pretexto, perfeito, aí nenhuma objeção, desde que seja o método como teoria em movimento, aí estamos de acordo.

Acho que o Faleiros, pela sua experiência, tem algo a dizer sobre isso.

---

## Faleiros

Há uma pergunta justamente sobre o papel específico da assis-  
tente social no processo político. Vou pegar a deixa do Paulo Netto e destacar o conceito de *categoria de análise*. A construção da teoria, conforme o próprio Marx na *Introdução à crítica da economia política*, passa pela elaboração de categorias de análise. Há categorias e categorias de níveis e momentos diferentes. Marx coloca, por exemplo, que a categoria mercadoria em Roma é muito diferente da categoria mercadoria do capitalismo inglês e da categoria mercadoria hoje. As categorias, com as quais pensamos a nossa prática, são muitas vezes categorias empíricas. Vejamos com que categorias a assistente social começou a ver o cliente. Distinguindo-o segundo o bem e o mal: é comportado, é mal comportado, é ativo ou inativo, é útil ou inútil. São categorias nascidas do próprio empirismo. À medida que ele foi criticando essas categorias e repensando a prática com outras mais completas, foi ressitando essas categorias anteriores, por exemplo, a categoria de bom, bom cliente, *good neighbour* — bom vizinho (conforme Mary Richmond). A categoria de bom passou a ser encarada do ponto de vista ideológico. Por que alguém é bom cliente, bom vizinho? Começamos aí a fazer uma construção teórica, no processo de crítica às categorias empíricas positivistas da nossa prática. E isso nós temos condições de fazer, como também o antropólogo ou o político. No

nosso caso, no entanto, tratam-se de categorias que perpassam a *nossa* própria prática e é historicamente — não teoricamente — que nasce a especificidade. Especificidade não é algo permanente, mas surge num contexto e modifica-se na luta. E é a luta o que nós temos que fazer para conquistar lugar de trabalho e espaço para defender pontos de vista.

---

## Rose Mary

Bem, na verdade, o que estou querendo recuperar é uma velha discussão. Aqui, ela veio à tona com muita força durante esse processo de reformulação do currículo. Isto é, na verdade são duas questões, mas que estão muito ligadas. Uma é a questão do pluralismo/ecletismo, que realmente é objeto de grandes debates e controvérsias na formação dos currículos. Quero dizer, como é que vocês entendem essa questão realmente? Porque muitas vezes, em nossa experiência sobre a defesa do pluralismo, o que estava em questão realmente era o ecletismo. Isso é uma primeira questão.

E a outra, que eu acho importante por ela estar na moda e no conflito saudável de posicionamento dentro da categoria, é a questão da fenomenologia. Não sei, acho que isso é inclusive uma questão, su-  
giro agora aos grupos, que deve ser objeto de colocação mais detalhada, porque acho que isso está de ponta a ponta colocado com muita força, e acho que é o nosso momento, à medida que os currículos estão sendo implantados agora — e isso foi objeto de muito debate, de muita divergência na formulação dos currículos — acho que cabe um aprofundamento disso. Quero dizer, não seria apenas uma pergunta feita agora, mas uma sugestão de que nós retornássemos também depois, dada a importância dessas duas questões.

---

## Paulo Netto

Olha, vou tentar encaminhar isso muito rapidamente, pois suponho que os companheiros da mesa também tenham algo a dizer. E tenho mais uma pergunta aqui: vou tratar tudo junto, embora tenha que distinguir, porque são muito diferentes.

Olha, quanto ao negócio do pluralismo, é realmente difícil, frequentemente ele se confunde com duas coisas: com o liberalismo no plano da convivência política, aquele negócio do “deixai que floresçam

todas as flores"; e no plano do trabalho teórico, com o ecletismo. Minha pequena experiência no Brasil, vai por esse caminho. Como é que vejo isso? Parto de uma premissa, posso estar equivocado, de que os setores avançados da profissão, e quando digo avançados, não chego nem ao ponto de dizer que são marxistas, são sensíveis ao novo, com algum compromisso democrático e popular. Não ponho o popular antes, mas sim o democrático. Esse é um país de uma tradição anti-democrática terrível, e isso está nas pessoas naturalmente. Parto da premissa de que esses setores avançados são absolutamente minoritários. Posso estar enganado, mas estou cansado de ver o aluno que no primeiro ano é contestador, quatro anos depois ele está quietinho e acomodado. Não que ele seja mal, é porque há uma dinâmica social que leva a isso. Todo mundo presta, na universidade, seu serviço revolucionário obrigatório. Quatro anos depois, cada um vai cuidar da vida. Ora se isso não é verdade! O pluralismo é uma exigência táctica dos avançados, é conseguir um espaçozinho para dar o seu recado. Mas não é só isso, estou convencido de que é um valor que os democratas de todos os matizes devem defender, e defender a duras penas; que a universidade seja um lugar de confronto, que seja diferenciada. Porque precisamente essa diferenciação é que vai evitar o serviço revolucionário obrigatório. Porque o aluno se garante taticamente pelo valor democrático e humanista que ele representa. Agora, como evitar que isso caia no liberalismo? Através da luta pela hegemonia. Eu não acho que todos os métodos, todas as correntes, todas as posturas, tenham o mesmo valor. Eu devo trabalhar todas e enfatizar claramente qual a minha posição. E essa posição nunca é individual, se for, estamos fritos. Ela deve ser uma posição grupal, ou que expresse uma determinada correlação de forças, ou então o que está fora. Agora, eu diria também que esse problema é algo que se põe e repõe eternamente; daí a importância da análise da conjuntura política, da articulação. Acredito que há escolas que já chegaram à seguinte situação: os seus formuladores, aqueles que conduzem a sua política, são progressistas e avançados; até pela inércia do conservadorismo eles conseguem fazer passar as suas propostas. Agora, veja o que acontece na sala de aula: a força da inércia paralisa isso. Então, creio que essa seja uma luta contínua que nós devemos travar. Agora, a questão da fenomenologia é muito mais complicada. Acho que nesse momento se faz necessário um debate extremamente sério sobre isso. Não quero esconder aqui as minhas posições pessoais, acho que a fenomenologia está fortemente vinculada, não como um pecado de origem, mas por um conteúdo profundamente conservador. Não estou dizendo reacionário,

atenção para isso, não acho que seja reacionário não, acho sim que é conservador. Agora, penso que devemos discutir isso, sobretudo num país onde os textos básicos da fenomenologia sequer são traduzidos. Então, vejo muita discussão em torno da fenomenologia, mas acho que tem muita "piruada" aí. É certo porém que existem pessoas versadas no assunto. Acho que primeiro devemos discutir isso, franca, honesta e abertamente, discutir a fenomenologia, e para isso é necessário que nos qualificuemos, e segundo, discutir o papel que ela representa.

Fenomenologia, vocês sabem, é uma coisa bastante antiga. No entanto, ela aparece aqui como *dermier cri*. Não acho que seja casual, vou dizer mais, acho que a fenomenologia tem futuro no Serviço Social brasileiro. E por quê? Porque ao contrário do que muita gente esperava, nós não estamos vivendo um momento de quebra do Estado, essa é uma transição negociada para a democracia, com todos os limites que isso tem. E acho que já é muito bom. Se mudou, mudou para melhor, não para pior; agora, certas expectativas de revolução para depois de amanhã às 8:30 h, foram frustradas. Haverá, então, um refluxo para um tipo de metodologia que não seja reacionária, mas que ao mesmo tempo estabeleça o seu campo institucional. Nesta medida, acho que se põe aos profissionais o debate sério e rápido da fenomenologia e dos seus usos e abusos. Acho que essa é uma questão que está em aberto, e que devemos agendar imediatamente.

Bom, tenho uma última pergunta que me foi dirigida aqui por escrito. Antes de passar a palavra para os companheiros, vou lê-la textualmente:

"Pelo que você falou, dá a impressão que a teoria emerge da cabeça das pessoas. No caso dos 'cientistas sociais', que se reforçam na prática, quer dizer, a teoria tem origem totalmente abstrata. Dá para você esclarecer mais a sua idéia de teoria do Serviço Social?"

Sei que isso é mesmo um negócio complicado, e vou tentar dar um exemplo pequenininho, para ver se nós entendemos. É um exemplo que quem já foi meu aluno conhece. Todo mundo tem o seu recurso para as horas de aperto, e esse é o meu. Em 1809, um general lá do Napoleão, ficou muito preocupado com a trajetória das balas de canhão. Naquele tempo, bala de canhão era bala mesmo. Uma bola de ferro que era lançada a distância, e cujo único efeito era destruir o que encontrava pela frente. Encontrava uma parede, pum, arrebentava-a. Se caía na cabeça de algum soldado, matava-o, naturalmente. Mas não era um obusque como modernamente. Hoje o canhão solta

obusque e estilhaça. Pois bem, o homem estava preocupado em saber a trajetória da bala de canhão. Napoleão é aposentado pelo Congresso de Viena em 1815 e esse general foi cuidar da vida. Como era um sujeito que tinha formação matemática, começou a estudar a parábola da bala de canhão. Olha, está me faltando o nome dele, os matemáticos conhecem-no bem.

Muito bem, em 1821, ele estabeleceu uma equação que determinava a possibilidade de corrigir os desvios do tiro de canhão. Acontece que o "gajo" morre em 1825, não tem tempo de fazer nenhuma comunicação científica; e já a partir da segunda metade do século, a partir de 1840/50, a arte bélica e a ciência militar encontram formas de corrigir essa trajetória. De forma que o problema que ocupou o nosso amigo, simplesmente desapareceu de cena, foi resolvido tecnologicamente.

Muito bem, no século XX, agora nos anos 50 alguém descobre a fórmula do "gajo" e percebe que ela tem validade enorme para o estudo das parábolas. E o estudo moderno das parábolas é muito importante para quem se interessa por mecânica e resistência dos sólidos, quem pilota avião tem que levar isso em conta. Aquela fórmula acaba por derivar na modernidade matemática, a chamada topologia, que é uma ciência que estuda a curva de catástrofe, quando é que um determinado material entra em colapso, e isso é fundamental para o mundo contemporâneo.

Pois bem, na base disso está o estudo das parábolas. Alguém desengaveta a equação do general de Napoleão, e vê que ela resolve o problema das parábolas. Hoje essas equações fazem parte da matemática avançada e são aplicadas na topologia. Pergunta: o que isso tem a ver com a prática? É evidente que tem a ver quando o sujeito estava estudando o tiro de canhão em 1810, mas a validade dessa apreensão, dessa formulação teórica, transcende largamente aquele problema, e desloca-se para um campo problemático inteiramente diferente e insuspeitado. Qual é a relação desse conhecimento com a prática? Alguém vai dizer, bem, mas você pegou um exemplo da matemática. Mas pode-se lembrar da trigonometria: as formas para as medições de área datam do antigo Egito. Por quê? Porque era necessário controlar a propriedade, chamemo-la assim, estatal do Faraó. Depois essas funções matemáticas descolaram-se da intervenção prática. Qual a vinculação da matemática com a prática? Matemática é uma linguagem. Como ela vincula-se com a prática? Estou pegando esse exemplo extremo para dizer o seguinte: eu não acho que a teoria, e nem quis dizer isso, brota da cabeça das pessoas. É claro que a

cabeça das pessoas funciona sob um condicionalismo social. Acontece o seguinte, meus queridos, o condicionalismo social só se reflete na teoria, pela mediação da consciência. E essa consciência tem algumas relações aleatórias com a sociedade. O ser social condiciona a consciência, não determina os seus conteúdos. A existência social determina o campo visual de um ator, de um sujeito, mas não determina aquilo que ele vai ver. É nessa medida que a teoria não está colocada à prática, e mais do que isso, as suas relações com a prática não são relações mensuráveis num curto espaço de tempo, mesmo de intervenção profissional. Aquele negócio que angustia alunos e professores envolvidos com o estágio: mas no meu campo de estágio não estou comprovando o que aprendo na sala de aula. Mas é evidente que não vai comprovar nunca. A experiência de um estágio pode ou não, no caso de uma escola que eleja campos de estágio prioritário e possibilite continuidade, permitir a experimentação de algumas hipóteses.

O conjunto de categorias, como o Vicente se referia, forjadas ao longo do desenvolvimento da chamada ciência social, da teoria social, é muito rico para ser testado aqui no meu bairrozinho, na instituição A ou B, isso não é possível.

Então, a prática tem um efeito corretor sobre a teoria, mas eu diria que ela rebate muito debilmente na teoria e é por isso que em face de realidades novas, para usar a expressão que a companheira utilizou, você tem que colocar a teoria em movimento. Porque essa realidade é fugidia. Acho que seria bom discutir depois, o que nós chamamos de realidade, o que nós chamamos de prática. A prática é um conjunto de procedimentos empíricos? Se a prática for isso, nós estamos fritos, daí não vai sair nem sistematização abstrata, quanto mais teoria.

Eu tentava dizer que a questão é a prática social, a prática de uma sociedade. Comprovam-se leis de acumulação numa empresa? Difícilmente, depende da empresa. Se vou tratar, o Faleiros lembrou isso bem, a questão dos serviços que nós discutimos se é produtivo ou não, como é que a teoria do valor passa aí? Posso comprovar isso, numa prática social macroscópica. A mesma coisa com relação ao gato preto da teoria do Serviço Social. Não sei se satisfaz, acho que não, pois esse negócio é um bocado polêmico, acho que vamos passar a vida inteira discutindo isso.